

Pulsão e instinto

Jean Laplanche

Tendo resgatado na obra de Freud a noção de *instinto*, o autor retoma aqui os *Três Ensaio*s, aprofundando sua reflexão sobre esta dimensão da vida humana, na qual corpo e alma se vinculam de modo tão singular.

Distinções, oposições, apoios e entrecruzamentos

1

Embora tenha sido proposta para um colóquio sobre o tema “homossexualidade e adolescência”¹, esta exposição não é de um especialista em adolescência. Trata-se de uma espécie de reapresentação – bastante difícil, aliás – de alguns pressupostos. É, portanto, um esclarecimento; e um esclarecimento, em nossa disciplina, é primeiro e necessariamente uma catarse, algo de que a psicanálise constantemente precisa muito. Com sua grande liberdade de pensamento e, por momentos, sua grande simpatia, Stoller compara a teoria psicanalítica atual ao panteão da Roma imperial, no qual coexistiam os templos de Ísis, de Júpiter, algumas igrejas, os templos de Mitra, etc. Da mesma forma, na psicanálise acrescentam-se ao fórum freudiano alguns pequenos templos, um palacete, uma edícula suplementar, sem qualquer cuidado com sua articulação. Uma pitada de simbólico, um nada de negativo, uma pequena dose de sedução, uma folhinha de transitividade, sem cuidado com aquilo sobre o que se constrói nem com o que se articula...

O pensamento só se situa bem por distinções, mesmo que seja para, em seguida, estabelecer passagens. Ora, o tema de hoje necessita ao máximo de distinções. Retomo os termos do artigo de Chiland (1989) no número “Homossexualidade” da revista *Adolescência*: “ser claro no emprego dos termos”; e também em ressonância com a reflexão de Bergeret: distinguir homossexualidade e homoerotismo².

Também teria podido chamar em meu auxílio a tríade gênero-sexo-sexual, que hoje também me parece essencial. Quanto à introdução da noção de gênero, fica para uma outra vez, pois, para lembrar em poucas palavras, na sua fórmula homossexual *princeps*, “eu (um homem) amo a ele, um homem”, Freud faz variar todos os termos, menos o primeiro, “eu um homem”.

Conferência proferida no Colóquio da UNESCO sobre adolescência, Paris, janeiro de 2000. O texto original foi publicado na revista *Adolescência* 18:2, 2000, pp. 649-668. Agradecemos a J. Laplanche pela permissão de traduzir o texto, e a Ana Maria Sigal, que intermediou os contatos com o autor. Tradução: Eliana Borges Pereira Leite

Vou falar um pouco de “tradução” e de “terminologia”, um pouco de “conceito”, mas muito também da realidade tal como a psicanálise a vê. Mas o problema conceitual e o problema de tradução atravessam há oitenta anos nosso mundo psicanalítico. Atravessam-no na confusão, mas a confusão também está no real. Como gosto de dizer de um modo um pouco irônico, “a teoricogênese reproduz a ontogênese”.

Partamos então do mais simples, a tradução do termo freudiano *Trieb* por instinto. Tradução *princeps* a partir da edição de Strachey, que já é muito antiga, por “instinct” em inglês. Em francês, tradução por “instinct”; ou, de um modo na verdade ambíguo, “pulsão ou instinto”, como diz, de um fôlego só, Marie Bonaparte. Não é uma questão de purismo, nem de tradução automática. Cabe lembrar que o alemão tem

Moralität. Estas palavras são muitas vezes de derivação análoga, uma do latim ou das línguas românicas e a outra de raízes germânicas. Ora, o locutor alemão pode escolher utilizá-las como puros sinônimos, ou habitar a diferença, ampliá-la, fazendo dela uma diferença conceitual. Mas, ainda que ele as ocupe e as habite de modo muito diferente, o risco de reassimilá-las está sempre presente. Isso é o que acontece com *Trieb*, que daqui por diante vou traduzir por “pulsão”, e *Instinkt* em alemão, que vou traduzir por “*instinet*” em francês.

Dizer como é em Freud: distinguem-se os dois termos ou conceitos? Em todo caso, ele nunca os junta, nunca os opõe, ele na verdade nunca os comparou. Veremos suas ambigüidades a respeito da *Trieb*, a respeito da pulsão. Mas no que se refere ao instinto, ao *Instinkt*, ele é mais claro. É um termo que utiliza

as” (vê-se bem: ele não teria podido dizer “se existe nos animais alguma coisa análoga à pulsão”). Ou ainda: “no pequeno humano, falta a maior parte dos instintos de sobrevivência próprios ao animal”.

A passagem mais instigante, para nosso propósito de hoje, é a do caso de homossexualidade feminina.

Trata-se então de um pai que leva sua filha para análise, aliás com um pouco de desconfiança. Vejam a passagem de Freud: “A homossexualidade de sua filha tinha algo que despertava nele profunda amargura. Ele estava resolvido a combatê-la por todos os meios. O desprezo pela psicanálise, tão difundido em Viena, não o impediu de recorrer a ela à procura de ajuda. No caso do fracasso dessa via, ele ainda tinha de reserva o antídoto mais potente: um casamento rápido deveria despertar os instintos naturais da moçoila e sufocar as inclinações não naturais”³ (Freud, 1920a). Vocês vêem a oposição: os “instintos” (trata-se mesmo de *Instinkt* e não de *Trieb*). É uma moçoila não muito distante da puberdade. Um casamento rápido deveria despertar enfim o instinto natural (a complementaridade, diria Gutton) e sufocar as “inclinações”, quer dizer, as *Triebe*, não naturais.

Pode-se ver o caráter pernicioso de uma unificação dos dois termos sob a égide do instinto. Em Strachey, em Marie Bonaparte, numa linhagem persistente mesmo na França, reencontra-se esta confusão geral no nível da língua e no nível do uso feito por Freud.

Mas uma unificação sob a égide da pulsão não é menos perigosa. Como em Lacan, que eu cito: “Freud nunca escreveu a palavra instinto”⁴. A partir disso, é a pulsão que ocupa todo o campo; aliás, interpretada como “deriva”, por um jogo de palavras a partir do inglês *drive*, pois estamos a partir daí em “plena deriva”, na “plena pulsão”. Deriva a partir de quê? Pois se a pulsão não

O problema conceitual e os problemas de tradução ocupam há oitenta anos nosso mundo psicanalítico. Como gosto de dizer de um modo um pouco irônico, “a teoricogênese reproduz a ontogênese”.

dois termos para uma infinidade de conceitos: um de origem latina, outro de origem germânica. Assim, para “concepção” há, ao mesmo tempo, *Auffassung* e *Konzeption*; para “moral”, há *Sittlichkeit* e

de maneira mais esparsa, mas constante, freqüentemente a respeito do instinto dos animais. Cito de memória: “Se existe no homem alguma coisa análoga ao instinto nos animais, seriam as fantasias originári-

deriva do instinto, como se pode dizer que ela deriva?

Em Freud, também há uma assimilação. Durante vinte ou trinta anos, não deixei de insistir nisso. Assimilação da pulsão ao instinto ou, por vezes, uma espécie de mistura pulsão-instinto. No sentido dessa confusão — ao lado da distinção — cabe mencionar, por exemplo, que Freud nunca protestou contra a tradução de Strachey e que ele raramente, ou nunca, tematiza a oposição. A referência mais clara é o famoso texto do início dos *Três Ensaios* que vou relembrar daqui a pouco. A palavra “instinto” não é pronunciada, mas está bem ali, sob a égide do que Freud chama de “uma visão popular da sexualidade”.

Vejam o texto de base: “A opinião popular forma representações fixas sobre a natureza e as propriedades desta pulsão sexual. Ela estaria ausente na infância, instalando-se na época da puberdade em ligação com os processos de maturação [todos os termos são importantes], se manifestaria nos fenômenos de atração irresistível exercida por um sexo sobre o outro, e seu fim seria a união sexual, ou ao menos as práticas que se situem na via que leva a esta última. Contudo, temos todos os motivos para ver nesta idéia uma imagem muito infiel da realidade (...). A mais bela ilustração da teoria popular da pulsão sexual é a da fábula poética [lembro que é a famosa fábula de Aristófanes] da separação do ser humano em duas metades — homem e mulher — que aspiram a se unir de novo no amor (Freud, 1905d).”⁵

Este é um texto de base para nosso propósito, mas que só encontraria seu verdadeiro desfecho na distinção pulsão/instinto. Ora, apesar dos *Três Ensaios*, apesar da verdadeira “deriva” (retomo este termo) que propõe para a sexualidade infantil, Freud não vai cessar de assimilar a pulsão a um modelo instintual. Não retomarei aqui os

longos desenvolvimentos que já fiz neste sentido em “O extravio biologizante da sexualidade”. Vamos, aliás, voltar parcialmente a este termo. Farei apenas duas alusões:

O modelo da redução da tensão e da *homeostase* é um modelo

os andróginos que são cortados em dois: “Então Zeus foi levado a dividir cada um destes seres humanos em duas partes, como se cortam pepinos ao meio para fazer conservas (...). O ser inteiro estando agora cortado em dois, o desejo

Proponho que se utilizem as duas noções, pulsão e instinto, que se mostre sua *oposição* e sua *presença*, ou seja, suas *articulações e recobrimentos*.

instintual. É um modelo constante em Freud, desde seus primeiros textos sobre as “neuroses atuais”, das quais dá uma versão mecanicista muito precisa, até “Pulsões e destinos das pulsões”.

Por outro lado, o *mito de Aristófanes*, o da *complementaridade*, vai ser reabilitado com a teoria das “pulsões de vida”, das quais se poderia pensar que a rigor são, afinal, “instintos de vida”. Cito apenas o fim, porque o início é muito complexo. Vocês sabem que se trata de seres de dupla face: quatro membros, duas cabeças, duas vezes os genitais, etc., mas no mito em Platão há três tipos destes seres duplos: há seres homem-homem, seres mulher-mulher e seres homem-mulher. Retomo apenas os últimos, que evidentemente simplificam as coisas no que diz respeito ao instinto. Então, imaginemos que são

impele as duas metades a se reunirem: elas se enlaçam, se misturam uma à outra em seu desejo de se unir”⁶ (Freud, 1920g).

2

De minha parte, o que proponho é que se utilizem *as duas* noções, pulsão e instinto, que se mostre sua *oposição*, que se mostre sua *presença*, aliás com frequência difícil de delimitar, precisamente em função do último ponto, ou seja, suas *articulações e recobrimentos*.

Vão dizer: “Vejam só Laplanche retornando ao instinto e, portanto, retornando ao corpo!” É preciso dizê-lo mais uma vez, eu nunca deixei o corpo e nunca opus o psíquico ao corpo. Opondo a pulsão ao instinto, não oponho o psíquico ao somático. A meu ver, o matemá-

tico é tão “neurobiológico” quando resolve uma integral quanto quando devora um bife. A pulsão não é mais psíquica do que o instinto. A diferença não passa entre o somático e o psíquico, mas entre uma parte inata, atávica e endógena e outra parte adquirida e epigenética (mas não por isso menos ancorada no corpo).

Cabe lembrar que quando Freud abandona a teoria da sedução, ele não diz “o fator psicológico perde seu império em proveito do biológico”, mas “o fator hereditário reencontra seu império”.

Então, instinto e pulsão. Conceitualmente e também concretamente no homem.

Esforço-me para ser esquemático. O instinto se propõe como hereditário. Retomo uma das definições, a de Timbergen, já antiga: “um mecanismo nervoso organizado hierarquicamente que, submetido a certas excitações emergentes, desencadeadoras e imperativas, tanto de origem interna quanto externa, responde a estas excitações por movimentos coordenados que contribuem para a sobrevivência do indivíduo ou da espécie”⁷ (Timbergen, 1951). Não duvido de que esta definição de instinto poderia receber inúmeras melhorias e críticas. Ainda assim, é um modelo retomado com frequência por Freud: há o caráter hereditário, fixo, adaptativo, com uma tensão somática inicial, uma “ação específica”, um objeto de satisfação, trazendo um relaxamento durável. Em troca, a pulsão, em sentido puro, não seria hereditária, não necessariamente adaptativa. O modelo fonte-fim-objeto adequado se aplica mal a ela. Insisti mais de uma vez, especialmente a respeito da idéia de fonte, em que, se a rigor se pode dizer que o ânus é a fonte da pulsão anal — digo mesmo com grande rigor — como sustentar que a pulsão de ver, a escopofilia, visaria a reduzir algo que se poderia chamar de “tensão ocular”?

O paradoxo econômico. É neste nível que em Freud a diferença é mais sensível e que a contradição é mais perceptível. De novo, um termo alemão concentra esta contradição. O alemão tem às vezes duas palavras para uma coisa ou para uma ou duas coisas (vimos isso há

to total, pode-se dizer, um funcionamento completamente desordenado, anti-fisiológico e, por outro lado, um nível ótimo.

Mas há sobretudo as ambigüidades do próprio termo *Lust*, que na língua alemã é, ao mesmo tempo (e Freud assinala nos *Três En-*

Lust: como se traduz habitualmente, prazer. Mas também, desejo. “Feliz contradição que nos permite navegar na dialética.” (...) “Infeliz contradição que não nos permite encontrar um termo de fato equivalente para libido.”

pouco, em relação a *Trieb* e *Instinkt*), e compreendemos que esta diferença dos assim ditos sinônimos poderia ser ampliada até se tornar uma diferença conceitual. Mas, ao contrário de outras línguas, o alemão tem palavras nas quais se concentra uma contradição. É o caso da palavra *Lust*. Habitualmente traduzida por “prazer”, implica uma contradição que o próprio Freud ressalta. Antes de mais nada, há as dificuldades de enunciar o princípio dito do “prazer”, o *Lustprinzip*, pois, em todas as formulações de Freud, trata-se tanto de uma tendência à homeostase, quer dizer, uma tendência visando ao melhor nível possível, quanto de uma tendência à descarga completa, quer dizer, ao nível mais baixo possível. A diferença, então, entre um esvaziamen-

saio, por duas vezes, em duas notas): “prazer” (como se traduz habitualmente) e “desejo”. No sentido de “prazer”, é descarga e apaziguamento, mas às vezes significa, ao contrário, a “procura de excitação” quase até a exaustão. Como nos termos *Schaulust* e *Berührungslust*, que querem dizer respectivamente *Lust* de ver, que não é prazer de ver mas desejo de ver, anseio de ver, ou *Berührungslust* que não significa tanto prazer de tocar como desejo de tocar. Freud ressaltou esta ambigüidade em duas revisões e em duas notas que são bem características dos *Três Ensaio*s: em uma das notas ele diz “feliz contradição que nos permite justamente navegar na dialética”; e em outro momento “infeliz contradição que não nos permite encontrar um termo de fato equi-

valente para *libido*, já que," continua, "eu gostaria de utilizar um termo alemão e não latino para *libido* = desejo. Mas não posso utilizar o termo *Lust*, pois também quer dizer prazer e não somente desejo".

O *Lust* é, então, às vezes sinônimo de "pulsão", de "libido", "anseio de", "desejo de" e "busca do desequilíbrio". Neste caso, a saciedade nunca é atingida.

Guardemos, contudo, do ponto de vista de fundo e não da terminologia, como dois modelos radicalmente diferentes, a pulsão, que busca a excitação às custas do esvaziamento total, e o instinto, que busca o apaziguamento.

3

Como e onde existem no homem pulsão e instinto? Podemos localizá-los em relação aos dois domínios clássicos a partir de Freud, que ele não teve como renegar completamente, o domínio da autoconservação e o domínio da sexualidade.

A *autoconservação*, é preciso que se diga, não chega a se conciliar, em absoluto, com a variabilidade e a deriva do pulsional. O modelo assim chamado "primário" do "processo primário" *não é* um modelo biológico. Quantas vezes tentei tornar aceita essa idéia de que o primário do processo primário não vem "antes"! O processo primário só é "primário" secundariamente, em seguida ao recalçamento, e no domínio do inconsciente. Um organismo que funcionasse segundo o princípio de partida do "Projeto de uma psicologia científica", quero dizer, os primeiros capítulos deste Projeto, não sobreviveria um segundo, uma vez que o único fim visado é uma evacuação total da energia. A própria idéia de "autoconservação" implica a homeostase, quer dizer, um retorno a um nível de base *ótimo e não mínimo*⁸ (Laplanche, 1970). A idéia de objeto de satisfação, de ação espe-

cífica, nos conduz à idéia de instinto.

De fato, terminado ou terminando nosso século vinte, temos aqui dois modelos. O modelo do instinto e o modelo do apego. Vamos passo a passo. Os modelos do instinto foram notavelmente flexibilizados com Lorenz. Ele estabeleceu que o próprio instinto varia muito mais do que se acreditava. Introduziu a noção de entrelaçamento ou de alternância. O termo alemão é *Verschänkung*, que diz bem o que quer dizer. Trata-se de uma verdadeira trama entre malhas instintivas inatas e malhas adquiridas por adestramento ou inteligência.

Mas esta não é a questão essencial. A grande distinção nos comportamentos autoconservativos é entre os que *não precisam do outro* e aqueles que precisam. O modelo do apego, introduzido inicialmente por Bowlby, retoma sem dúvida um aspecto essencial do instinto, a saber o aspecto inato. Mas ele também introduz a idéia de uma reci-

portamentos inatos com a mesma função existiriam também na mãe, mesmo que a aprendizagem tenha um papel na expressão deste comportamento" (Montagner, 1999).

Nos comportamentos que têm por finalidade a manutenção da vida, é preciso distinguir cuidadosamente, antes de tudo, as funções autônomas, biológicas, que de certa maneira não precisam do outro. Assim, a função homeostática da manutenção do gás carbônico no sangue é um mecanismo relativamente autônomo; como também a manutenção da taxa de glicose no sangue.

E o calor? Bem, com o calor já não é assim tão simples. A grande distinção é entre os "poikilotérmicos" e os "homeotérmicos". Os poikilotérmicos são aqueles que não precisam manter um nível de calor interno e os homeotérmicos são os que são capazes de manter tal nível. Mas justamente nestes, os homeotérmicos, a homeotermia é de início imperfeita. Isso quer dizer

Temos hoje dois modelos: o modelo do instinto e o do apego. Mas a questão essencial é a distinção, nos comportamentos autoconservativos, entre os que *não precisam do outro* e aqueles que precisam dele.

procidade. Tomo uma das definições de apego: "comportamentos inatos, tendo por função reduzir a distância e estabelecer a proximidade e o contato com a mãe. Com-

que ela só vai se estabelecer pouco a pouco. Todos vocês conhecem o ataque de calor ou de frio do lactante. Os peixes ovíparos (poikilotérmicos) não precisam do

outro, mas as espécies homeotérmicas, que de início o são imperfeitamente, precisam se comunicar para se manter aquecidas. Um dia fiquei muito espantado com o que diz Jouvé (escrevi a ele sobre isso mas não obtive resposta): a barreira entre as espécies que sonham e as que não sonham é praticamente a mesma que passa entre os poikilotérmicos e os homeotérmicos. Ora, parece-me que esta distinção é também a mesma entre as espécies que se comunicam — pequeno/adulto — e as espécies sem comunicação.

Mas talvez seja o homem quem mais precisa de interação. Daí a frase de Freud que citei há pouco: “faltam no pequeno humano os instintos necessários à sobrevivência”. O que evidentemente não passa de uma primeira aproximação, já que por outro lado ele fala de “pulsão

esta afirmação de Freud, por exemplo sobre o medo do vazio, o recuo diante de fontes incandescentes, etc.

A teoria do *apego* surgiu como uma máquina de guerra contra a psicanálise, contra a sexualidade e contra o inconsciente, e ainda o é. Daí o interesse de levar as coisas mais adiante. Primeiro para lembrar que há algo em Freud que prefigura a idéia de apego, que é a noção de “ternura”. Quando Freud opõe a relação “terna” ou a “corrente de ternura” à “corrente sensual”, ele nada mais faz do que falar do apego em oposição à sexualidade⁹ (Freud, 1912d). A ternura que Freud (ao menos na sua primeira teoria das pulsões) inscreve sob a égide da autoconservação corresponde ao fato de que o adulto “nutre” e “protege”. De saída, algo mais amplo do que um “apego” no sentido simplesmente literal do termo, ou seja, o

ção de apego também pode existir na ausência de uma mãe, por exemplo com uma babá.

Existe no homem uma relação inata de autoconservação? O debate foi contaminado pela oposição entre um bebê dito de observação e um bebê dito psicanalítico. Pois aqui, em particular na observação do lactente, não se vê, na verdade, o que se quer ver; porém, se se quer ver algo, deve-se poder detectá-lo também pela observação. Penso em Melanie Klein, promotora da prioridade do “mundo interno”, que não deixou de escrever um artigo chamado “Observando o comportamento dos lactentes” (Klein, 1952). No entanto, isso é muito difícil, e a observação animal é de certa forma indispensável, embora totalmente insuficiente. Indispensável principalmente porque nos permite tentar balizar, por “dedução”, o que é mais importante no homem. Deveríamos dizer que o principal no homem é a comunicação? Deveríamos negar toda comunicação no animal? Claro que não (eu mencionava isso há pouco, a respeito dos homeotérmicos e do fato de que talvez eles sonhem); mas infinitamente menos desenvolvida. Existem sistemas de comunicação animal, mas não há uma verdadeira linguagem. Sem dúvida, a comunicação mãe-bebê não é desde o início linguageira, e insisti nisso muitas vezes. Mas, desde o início, ela é marcada na sua diversidade, na sua complexidade e nas suas ambigüidades pelo fato de que o homem é um animal linguageiro. Em outras palavras, a complexidade da linguagem verbal exerce uma espécie de contágio sobre as comunicações pré-verbais.

O *apego no homem*, insisto, é primariamente uma relação *recíproca* de comunicação e de mensagens. Mas o segundo ponto de “dedução” em relação à observação animal é bem mais importante: é a presença do inconsciente sexual no adulto. Pode-se apagar toda a teoria das pulsões, mas apagar-se-á o

A teoria do *apego* surgiu como uma máquina de guerra contra a psicanálise, contra a sexualidade e contra o inconsciente, e ainda o é.

de autoconservação”. Nesta frase, ele entende sem dúvida a deficiência de instintos quando não há intervenção do outro. Com efeito, há uma série de reações inatas que não existem no pequeno ser humano, e foram feitas numerosas experiências a respeito que confirmam

agarramento, a necessidade de contato, o toque. A corrente terna, a relação terna, inclui mesmo as relações iniciais com a mãe, além justamente da procura de calor; e, por outro lado, não se limita à mãe, incluindo eventualmente muitos outros adultos; e sabemos que a rela-

inconsciente sexual? E presta-se um mau serviço à psicanálise ao deixar passar batida a diferença entre um bebê de observação e um bebê psicanalítico que só será construído *a posteriori*¹⁰. Pois se o inconsciente adulto está presente na reação primordial, e se não o vemos na observação, é porque não se dispõe de meios para vê-lo. Não necessariamente para explorá-lo, mas ao menos para detectar seus sintomas¹¹.

Se falei do animal, é porque no homem o apego talvez não seja observável em estado puro. Por duas razões: está infiltrado pela relação narcísica e está contaminado e comprometido pelo sexual adulto. Isso é o que não se quer ver, por exemplo, opondo um apego “seguro”, quer dizer “assegurado”, a um apego “não-seguro”. Pois o não-assegurado nada mais é do que o outro aspecto, o aspecto, sem dúvida extremo, do *enigmático*. Se ele é “patológico”, talvez seja, nem mais nem menos, porque o propriamente sexual, quero dizer o *sexual pulsional*, é desviante.

4

Mas antes de voltar à relação sexual sexual/apego, passo ao sexual em suas duas modalidades: o sexual infantil e o sexual na adolescência.

O *sexual infantil* é a grande descoberta de Freud. É o sexual ampliado para além dos limites da diferença dos sexos, além do sexuado. É o sexual parcial, ligado às zonas erógenas, funcionando segundo o modelo do *Vorlust*, no qual se reencontra a palavra *Lust* (que quer dizer ao mesmo tempo prazer e desejo). O *Vorlust* é o “prazer-desejo preliminar”, pode-se dizer - não é um prazer de apaziguamento, é um prazer de aumento de tensão. De fato, nada permite afirmar que o “prazer-desejo” infantil corresponda a uma tensão fisiológica interna, nem que exija descarga.

Falemos do corpo um instante, voltemos à endocrinologia. Sabemos que os hormônios sexuais e hipofisários, que ainda existem no nascimento, declinam muito cedo, nos primeiros meses, até chegar a zero, para voltar a se elevar apenas na puberdade ou pouco antes. Fala-se de “latência”, mas, a meu ver, seria possível falar de dois tipos de latência. A *latência pulsional* é

nos quais Freud é ensinado como um catecismo, com a sucessão ordenada dos estágios infantis da sexualidade. Nada permite ver na evolução — sempre mais ou menos caótica — da pulsão sexual algo que se inscreva num esquema mais vasto, finalizado, tendo como fim a puberdade. Tal reinscrição da pulsão no instinto foi o que Freud quis finalmente realizar delineando, ape-

Os hormônios sexuais e hipofisários declinam rapidamente nos primeiros meses de vida, para voltarem a se elevar na puberdade. Fala-se de “latência”; mas seria possível falar de dois tipos de latência: a *pulsional* e a *instintiva*.

aquela definida por Freud. É a latência ligada ao recalçamento e ao Édipo, que se situa entre os cinco ou seis anos e a puberdade. Latência aliás relativa, como sabemos. A *latência instintiva* é, em suma, aquela definida pela famosa “visão popular da sexualidade”, ou seja, uma latência que existe do nascimento à puberdade, latência endógena durante a qual somente a pulsão tem livre curso. Toque de silêncio do instinto.

Retomo ainda algumas proposições negativas. Nada permite afirmar que a erogeneidade das zonas erógenas esteja ligada a uma tensão endógena inata. Nada permite afirmar que a vulgata da sucessão dos estágios corresponda a um mecanismo genético programado¹². Fico horrorizado ao ver que ainda se encontram programas de ensino

sar de tudo, uma espécie de desenvolvimento programado no qual sexualidade infantil, de um lado, e sexualidade pubertária e adulta, de outro, estão em continuidade.

5

Antes de chegar ao momento da puberdade, qual é então a *afinidade* entre a relação instintiva autoconservadora, que se complexifica e se enriquece na ternura, e o sexual pulsional? A teoria do apoio, que acabei de mencionar, cada vez mais invocada, cada vez mais redescoberta e reinterpretada, cada vez mais integrada na Vulgata, pode tornar-se perniciosa neste contexto.

Se a sexualidade infantil não tem um mecanismo endógeno inato, como ela poderia surgir em con-

junto com a autoconservação? E se ela corresponde a uma simples fantasmática das funções corporais de apego e autoconservação, por qual milagre esta fantasmática, por conta própria, poderia conferir às funções somáticas um caráter sexual? Eu disse diversas vezes que a suposta “experiência de satisfação” e a suposta “satisfação alucinatória de desejo” eram

constituição do inconsciente e da aparição da pulsão.

A fonte da pulsão sexual infantil é o inconsciente, e suas características são marcadas por esta origem. A pulsão sexual infantil é busca sem fim e não conhece apaziguamento. Ela desconhece o orgasmo, apesar da analogia que Freud acreditou perceber entre o apaziguamento do lactente que acaba de

Ensaio, embora a adote em *Além do princípio do prazer*. Ao fim e ao cabo, Freud nada tem contra ela, desde que seja bem delimitada. Eu não tenho nada contra, desde que seja situada, de que se situe este instinto ou esta complementaridade não em continuidade nem em mutação, mas em ruptura. Em um novo momento qualitativo, e não como apogeu da pulsão infantil.

Do instinto sexual pubertário começamos a saber algo no animal, mas é bem parcial e um pouco ridículo. No homem, acreditamos saber desde milênios e com Mozart: “Meu coração suspira”. Mas justamente estas coisas que acreditamos saber estão tão recobertas pelo cultural e pelo sexual infantil! O que a psicanálise quer nos ensinar é que, no homem, o sexual de origem intersubjetiva, portanto o pulsional, *o sexual adquirido vem* - coisa muito estranha - *antes do inato*. *A pulsão vem antes do instinto*, a fantasia vem antes da função; e quando o instinto sexual chega, o assento já está ocupado.

O problema do Édipo é exemplar: “o amor do genitor do sexo oposto e a rivalidade ou a destruição ou o ódio do genitor do mesmo sexo”. Digo sem restrições que esta formulação nos propõe um Édipo “homotético”. Rivalidade de um lado, atração de outro. Homotético porque o pequeno triângulo entre ego, seu parceiro e seu filho reproduziria em homotetia o grande triângulo parental pai-mãe-ego. A estruturação parece simples. A identificação é uma identificação com o rival. Identificação que alguns chamam de “mimética”. Penso em Girard e no sucesso dessa idéia de mimetismo.

Ora, a descrição do Édipo infantil feita por Freud é bem diferente. O Édipo infantil é sempre bipolar. Ao mesmo tempo direto e invertido. Não vou descrever as quatro noções em questão, que são evidentes. Se bem que (isso é essencial) as *identificações são sempre substi-*

A pulsão sexual infantil é busca sem fim. Ela desconhece o orgasmo, apesar da analogia que Freud acreditou perceber entre o apaziguamento do lactente que acaba de mamar e o que sobrevém após o orgasmo.

em Freud um exercício de prestidigitação bem sucedido. É fazer surgir o sexual da insatisfação da autoconservação, como se faz sair o coelho da cartola. Mas é preciso justamente que alguém tenha posto o coelho lá dentro, e quem o fez, afinal de contas, foi o adulto¹³.

A teoria da sedução, que não vou retomar, propõe um modelo do surgimento do sexual no seio da relação recíproca do apego. “Recíproca”: uma interferência ou um ruído que vem parasitar esta comunicação, mas que no início *provém de um só lado*, do lado do adulto. O adulto, com mais frequência a mãe, mas não como mãe, repito, e sim como adulto. Por falta de tempo, vou deixar de lado a representação ou o modelo que se pode dar do processo do recalçamento, da

mamar e o apaziguamento posterior ao orgasmo. Ela não conhece o apaziguamento pelo objeto adaptado complementar, ambivalente, falta-lhe o par ideal.

6

A principal tentativa de ligação é o Édipo, o Édipo infantil. Mas, antes de falar disso, volto ao *instinto sexual*. Gutton nos propõe um modelo com a noção de “pubertário”. Se o entendo bem, é um instinto sexual, correspondente à maturação genital que busca de modo inato o “complementar” (o termo é dele): a zona erógena complementar e, como se diz, “a pessoa do sexo oposto”. É exatamente a “visão popular” que Freud recusa nos *Três*

tuições de relações de amor. São interiorizações do objeto perdido. Freud nos diz explicitamente que a identificação é, quer a forma primordial da relação com o objeto, quer um substituto da relação com o objeto de amor. A identificação ao objeto e não ao rival é indispensável para qualquer aproximação da homossexualidade e da heterossexualidade. O homossexual, numa das principais formulações de Freud a respeito de Leonardo, se identifica ao objeto de amor: a mãe. E, do mesmo modo, para poder identificar-se ao pai, o heterossexual deve tê-lo amado intensamente e com um amor homossexual. Nos textos de Freud, a identificação pela rivalidade sempre se esfumaça, como tive oportunidade de mostrar em relação a “Psicologia das massas e análise do Ego”¹⁴. No melhor caso, as moções positivas e negativas estão presentes em toda identificação.

7

Na adolescência, então, temos a confluência de dois cursos d’água muito heterogêneos, e nada prova que eles chegarão a uma mistura harmoniosa. De um lado a pulsão e a fantasia infantil, de outro o instinto pubertário. Retomo estes pontos de diferença, de incompatibilidade. 1º) Os dois Édipos, dos quais um é “complementar”, enquanto o outro é irremediavelmente bissexual e ao mesmo tempo ambivalente, ou seja, sexual de vida e sexual de morte. O aspecto sexual do parricídio, tomando este termo no sentido mais amplo, quer dizer, o assassinato do genitor, o aspecto sexual do parricídio em si mesmo não poderia ser tão facilmente esfumado quanto se quer fazer crer. Gutton (1991) nos fala do “desinvestimento erótico do rival, facilitando seu assassinato”¹⁵, mas trata-se precisamente de esquecer que o assassinato no Édipo infantil é um ato erótico. 2º) O lugar do objeto é outro elemento de di-

ferença, até de oposição: *objeto de satisfação* complementar de um lado; *objeto-fonte*, os significantes dessignificados (como os chamo) no inconsciente, do outro. 3º) Os dois modos econômicos, como indiquei há pouco, buscam o apaziguamento e o orgasmo, de um lado, e a excitação pré-genital, de outro. O pré-genital, mas também é preciso insistir, incluindo o genital infantil. Sem dúvida, existe o que se chama a integração dos prazeres pré-genitais nos prazeres preliminares, mas isso necessitaria de muitas observações. Não é somente o pré-genital que deve ser integrado no assim chamado “primado genital”; é todo o pré-genital e o paragenital, ou genital infantil, que são confrontados ao genital pubertário, depois adulto. O genital infantil, o fálico, resto do “paragenital”, e mais tarde do “preliminar”: pense-se no culto da performance fálica, como componente muitas vezes predominante da sexualidade adulta, sobretudo moderna.

Mas por outro lado, se a integração da busca de excitação pulsional ao instinto fosse total, onde estaria a criatividade humana? E, se ela não acontece ao menos parcialmente, vemo-nos no que Freud chama de “fixação dos fins sexuais preliminares”, ou na via sempre presente da perversão.

Para concluir

O objeto da psicanálise é o inconsciente, e o inconsciente é antes de tudo o sexual, no preciso sentido freudiano, o sexual pulsional, infantil, pré ou paragenital ou genital infantil. É o sexual que tem sua fonte na própria fantasia, certamente implantada no corpo.

E para retomar ainda os termos instinto e pulsão, recapitulo em poucas palavras:

1. No homem, existe o *instinto de autoconservação*, desde que se entenda que 1º) em grande par-

te é ternura ou apego, ou seja, mediatizado pela comunicação recíproca, que 2º) ele é de início recoberto, depois escondido pelos fenômenos propriamente humanos e sexuais da sedução, por um lado, e da reciprocidade narcísica, por outro.

2. No homem, existe a *pulsão sexual*, que ocupa o lugar principal, decisivo, do nascimento à puberdade. É ela que constitui o objeto da psicanálise, é ela que se oculta no inconsciente.

3. Existe o *instinto sexual*, pubertário e adulto, mas que “encontra o lugar ocupado” pela pulsão sexual infantil.

Este instinto é portanto muito difícil de definir epistemologicamente, na medida em que no real ou concretamente ele não aparece em estado puro, mas em transações incertas com o sexual infantil que reina no inconsciente. ■

NOTAS

1. Colóquio de 15 de janeiro, na UNESCO, organizado pela revista *Adolescência*.
2. Ver um segundo número da revista *Adolescência*, surgido em 2001, dedicado à homossexualidade.
3. S. Freud, (1920a), “Sur la psychogenèse d’un cas d’homosexualité féminine”, *OCFP*, Paris, PUF, vol XI, p. 237.
4. J. Lacan, *Écrits*, Paris, Ed. Du Seuil, 1966, p. 837.
5. S. Freud, (1905d), *Trois essais sur la théorie sexuelle*, Paris, Gallimard, 1987, pp. 37-38.
6. S. Freud, 1920g, *Au-delà du principe du plaisir*, in *OCFP*, vol. XV, Paris, PUF, p. 332.
7. N. Timbergen, citado por M. Benassy, in “Théorie des instincts”, *Revue Française de Psychanalyse*, 17, Paris, 1953, pp. 1-78.
8. J. Laplanche, *Vie et mort en psychanalyse*, Paris, Flammarion, 1970, p. 13.
9. S. Freud, 1912d, “Du rebaissement généralisé de la vie amoureuse”. In: *Contributions à la psychologie de la vie amoureuse*, *OCFP*, vol. XI, p. 130 ss.
10. Sem contar que o *a posteriori* existe muito cedo no ser humano, sem dúvida desde o segundo ano.
11. Ver a este propósito Roiphé e Galenson (1987), em particular cap. 13 e 14.
12. Melanie Klein já havia lutado contra esta idéia.
13. O adulto, logo seguido, na teoria, por Freud. Mais uma vez, a teorização se calca sobre a ontogênese.
14. J. Laplanche, *Problématiques I. L’angoisse*, Paris, PUF, 1980, pp 341-347.
15. P. Gutton, *Le pubertaire*, Paris, Ed. du Seuil, 1991, p. 46.